



UMA RESENHA PARA SANDRA JATAHY PESAVENTO

Ricardo de Aguiar Pacheco*

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRP

pacheco_ricardo@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo pretende ser uma resenha em homenagem à historiadora Sandra Jatahy Pesavento. Para isto, ele faz uma revisão da bibliografia desta autora recortando como a questão social é abordada por ela em diferentes momentos de sua produção. Procura mostrar que as significativas mudanças nas estratégias de abordagem, bem como nos referenciais teóricos demonstram a versatilidade dessa intelectual e a disposição da autora em dialogar com as novas teorias da historiografia contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia – História Cultural – Teoria da História

ABSTRACT: This article intends to be a summary in homage to the historian Sandra Jatahy Pesavento. For this it makes a revision of the author's bibliography, focusing as the social matter is worked for her in different moments of your production. It tries to show that the significant changes in the strategies of boarding as well as in the theoretical referenciais demonstrate the versatility of this intellectual and her disposal in dialoguing with the new theories of the historiography contemporary.

KEYWORDS: Historiography – Cultural History – Theory of History

Há anos venho fazendo resenhas de Sandra Jatahy Pesavento. A primeira, me lembro bem, foi lendo o livretto chamado **História do Rio Grande**¹ para me preparar para o vestibular. Já no início da graduação me deparei com suas obras sobre a formação da burguesia gaúcha. E depois, com ela mesma em sala de aula, resenhei seus artigos que trabalham o campo das representações urbanas. Hoje, como professor universitário sigo preparando minhas aulas e indicando a leitura de suas obras aos meus alunos. Por isso lhes convido, nesse momento, para compartilhar mais uma resenha que faço de sua obra. Uma leitura teórico-sentimental sobre meu percurso de leitura e de envolvimento

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professor adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy; OSTERMANN, Nilse Wink. **A História do Rio Grande**. Porto Alegre: Corag RS, 1980. 44 p.

com essa intelectual que foi minha orientadora da iniciação científica à pós-graduação. Mas foi também uma grande amiga.

Sandra tem uma obra imensa. Uma produção acadêmica com qualidade reconhecida que foi interrompida de forma abrupta num momento em que escrevia com a desenvoltura de quem já havia lecionado muito sobre o tema. Para mim, em diversos trechos, é possível ouvir sua voz ditando as lições das aulas da graduação, da pós-graduação ou mesmo de palestras. Seu texto apresenta essa leveza de quem conversa com o leitor, de quem já falou muito sobre o tema escrito. Por outro lado, suas falas, aulas e palestras transmitem a segurança de quem já escrevera, já elaborara de forma profunda o que argumenta. Suas aulas eram vívidas, alegres e encantadoras. Tinha uma energia que contagiava quem a assistia. Fazia uso de estratégias narrativas, gestuais e entonações que prendiam seu ouvinte como ao leitor de um clássico da literatura. Ela se interessou por muitos objetos: da burguesia ao mundo do trabalho, do traçado urbano à cidade imaginada, da grande literatura às crônicas e caricaturas. Explorou diferentes abordagens: do marxismo passou a história social, e desta foi a história cultural. A cada projeto de pesquisa que iniciava apontava uma nova faceta de sua mente inquieta.

Se deparou com tantas caras feias em suas plateias que se acostumou a dar de ombros a resmungos e provocações. Mais recentemente aprendeu a falar de si na terceira pessoa e dizia a “Sandra dos anos 80, não é a Sandra dos anos 90.” Sem jamais ter sentido necessidade de revisar suas teses iniciais, posto que elas são legítimas e ainda hoje sustentam-se por si, falava de sua própria trajetória e de sua obra com o respeito que se deve a uma velha amiga, mas sem a necessidade de reafirmar o que já dissera. Primeiro, seus críticos disseram que ela se vendera ao modismo da história cultural. Depois, que este referencial não acrescentava nada ao que ela mesma já tinha produzido. E por fim, houve quem dissesse que ela não tinha foco e se perdera em suas pesquisas. Não desejo encerrar esse debate nem sou melhor que ela e que sua própria produção para defendê-la desses olhares torpes.

Mas gostaria de destacar uma faceta da Sandra. Esta historiadora ao ser múltipla foi uma. Um olhar atento pode perceber no interior destes movimentos a permanência do foco da historiadora. Proponho recortarmos o tema do social e o olharmos em obras de diferentes momentos de sua trajetória. Vamos perceber o lugar dos sujeitos sociais na sua produção? Quem são os sujeitos sociais das histórias narradas por Sandra Pesavento? Que lugar eles ocupam na sua estratégia de reconstrução do

passado?

O livreto **História do Rio Grande do Sul** embora com circulação regional foi certamente o seu primeiro best-seller. Nesse texto objetivo e didático a professora que durante anos lecionou as cadeiras de História do Brasil e do Rio Grande do Sul na graduação da UFRGS articula sua narrativa pelos fluxos humanos que ocuparam o Brasil meridional. O tropeiro, o militar, o colonizador, o imigrante são personagens vivos no interior da sua narrativa.

Estas referências se mantêm nos diversos textos que produziu sobre a formação da burguesia gaúcha. Resultados de seus estudos de mestrado e doutorado, estas obras ainda hoje são referências para a historiografia do Rio Grande do Sul. Textos que demarcam a Sandra marxista dos anos 80. Mas um marxismo inédito para o momento, posto que ela foi uma das primeiras a utilizar os conceitos de Gramsci, como o de “supraestrutura ideológica”, para interpretar o discurso que os industriais do Estado produziam sobre si e seu sucesso. Para mim nesta Sandra marxista já é possível ver o gérmen revolucionário da dialética que irá produzir a Sandra dos anos 90. Primeiro, porque para ela a burguesia gaúcha não é apenas uma classe social, uma categoria ideal. São pessoas e famílias com nome e sobrenome apanhadas em seu cotidiano de trabalho. Traço que será recorrente em sua narrativa. Depois, porque ela já nesses estudos está interessada em nos contar como esses sujeitos explicavam a sua própria experiência histórica formulando um discurso de auto glorificação. Em seus textos somos transportados ao interior das unidades fabris para observarmos não os modelos teóricos, mas as relações de trabalho vividas por homens, mulheres e crianças. Não as estratégias de coerção física, mas os mecanismos de cooptação ideológica. Problemas de pesquisa e estratégia de narrativa que a Sandra dos anos 90 irá potencializar com outros conceitos e ferramentas.

Entendo que foi o seu crescente interesse pelo estudo das relações sociais travadas pelos sujeitos históricos no cotidiano das vidas concretas que a levou a secundarizar as categorias da história econômica e a levou para a história social. Três pequenos estudos simbolizam esta transição. Em **Emergência dos Subalternos**,² **Cotidiano da República**³ e **Os Pobres da Cidade**,⁴ da historiadora da burguesia

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Emergência dos Subalternos**: trabalho livre e ordem burguesa. Porto Alegre: UFRGS, 1989. 88 p.

³ Id. **Cotidiano da República**. Porto Alegre: UFRGS, 1990. 88 p.

emerge a historiadora do mundo do trabalho. Distanciada dos objetos dos historiadores do movimento operário, que se ocuparam das revoltas excepcionais, ela se interessa pelas práticas sociais desenvolvidas pelos trabalhadores urbanos na vida cotidiana. Os sujeitos de sua narrativa não os operários, mas os anônimos descritos nas crônicas de costumes que ela chamou de subalternos. Nas suas páginas, ganham vida personagens populares dos jornais como o 'Zé Povinho' que ela identifica com os libertos que perambulavam pela cidade que se queria moderna, com os cangueiros que realizavam pequenos serviços pelas ruas, com os inúmeros personagens tradicionais que, aos olhos dos cronistas dos jornais, contrastavam com o projeto de cidade moderna que se construía no imaginário urbano.

Nesses estudos estão presentes as ferramentas teóricas com que ela irá amadurecer em artigos teóricos densos como **O Desfazer da Ordem Fetichizada: Walter Benjamin e O Imaginário Social**⁵ e **Em Busca de Uma Outra História: Imaginando O Imaginário**.⁶ Estes são textos em que a autora apresenta o percurso de construção daquele que veio a ser seu grande conceito: O de Imaginário Social. Para ela, “[...] a sociedade constrói a sua ordem simbólica, que, se por um lado não é o que se convencionou chamar de real (mas sim uma sua representação), por outro lado é também uma outra forma de existência da realidade histórica”.⁷ E é por esta porta que Sandra passa da história social para a história cultural, abrindo a trilha que vem sendo percorrida por outros tantos pesquisadores.

Então seus projetos de pesquisa focaram na cidade. Não apenas no traçado urbano e edificações, mas sim no espaço urbano tal como foi significado e reescrito por seus habitantes. Para entender este objeto foi preciso decifrar como ele era significado por seus habitantes, tarefa que ela se coloca em **Imaginário da cidade**: representações do urbano (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre).⁸ Nessa obra, vemos que sua cidade concreta não são apenas os espaços projetados ou as ruas construídas, mas as

⁴ Id. **Os Pobres da Cidade**: vida e trabalho (1880-1920). Porto Alegre: UFRGS, 1994. 149 p.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Desfazer da Ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. **Cultura Vozes**, v. 89, n. 5, p. 34-44, set./ out. 1995.

⁶ Id. Em Busca de Uma Outra História: Imaginando O Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

⁷ Ibid., p. 16

⁸ Id. **Imaginário da cidade**: representações do urbano (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre). Porto Alegre: UFRGS, 1999.

representações do urbano produzidas e difundidas no campo simbólico por sujeitos sociais concretos como os arquitetos, os cronistas e os literatos.

E quando aparentemente os dois polos se separam – o mundo dos subalternos de um lado e o estudo das representações sociais dos leitores e produtores da cidade de outro – Sandra surge com uma nova lente para enxergar o real. A noção de cidadania como sendo o projeto de sociabilidade urbana desejada foi a luz que lhe permitiu produzir a sombra, a silhueta da exclusão social. E sua cidade imaginada fica novamente povoada pelos sujeitos concretos que a habitava.

É investigando a tênue linha que separa a ordem da transgressão, mas que também liga os homens de bem às mulheres de vida fácil, que Sandra escreve **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX.⁹ Nesse texto, identifico uma nova virada, ou antes um novo aprofundamento em sua obra. Lendo fontes como jornais e processos criminais encontro as representações sociais sobre a ordem burguesa desejada para a cidade moderna. Descrevendo um mundo de desordem, um underground onde transgressores e agentes de polícia convivem, seus estudos nos narram o convívio diário e intenso de habitantes desses dois mundos urbanos que, postos frente a frente pela historiadora, se denunciam em profundidade.

Na narrativa do espaço urbano elaborada por Sandra a ordem burguesa e a transgressão, os policiais e os malandros, as donzelas e as prostitutas não são opostos. O conceito de alteridade utilizado por ela, serve para colocar os personagens presentes nas narrativas dos processos criminais e nas crônicas policiais no enredo dos processos históricos concretos. Como duas faces da mesma moeda, como duas dimensões de uma mesma realidade. Ela usa suas ferramentas teóricas para dar cores vivas e intensas ao real imaginado, ao real tal como foi imaginado, ao imaginário que é uma dimensão do real vivido.

Para a Sandra da História Cultural, o mundo concreto das relações sociais não deixou de existir. Observando-o pela lente da cultura, ela passa a perceber como este real é interpretado pelos homens e mulheres de seu tempo. E os sujeitos que na sua História Social eram vistos como membros de grupos, passam a ganhar nomes. Rompendo a barreira das classes sociais, a autora encontra, e registra nas páginas da historiografia, os dramas pessoais vividos por Marcelina e Affonso, por Noêmia e o

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001. 357 p.

sargento Hildebrando. Nomes que traduzem experiências de tantos outros sujeitos até então excluídos da História.

Essa estratégia de articular a narrativa o passado com base em personagens reais é amplificada na obra **Os Sete Pecados da Capital**.¹⁰ Obra singular, não creio que ela tenha sido produzida apenas nesses últimos anos de pesquisa. Ao contrário, para mim ela sintetiza a produção desta leitora privilegiada do passado. Nesta obra sete lendas urbanas da cidade de Porto Alegre são tomadas como objeto. Nesse sentido, são histórias que Sandra, como porto-alegrense, ouvia como “causos” desde menina. E me lembro como ela gostava de utilizá-los como exemplos para ilustrar suas aulas. Isso me faz crer que desde muito ela tinha estas estórias, estas lendas urbanas, como objeto de curiosidade.

Por diversos caminhos, cada um desses causos foram se colocando na sua trajetória acadêmica. Um a um foram sendo encontrados nos arquivos por seus bolsistas de iniciação e orientandos de pós-graduação. O que nos mostra que sua aproximação e elaboração sobre cada caso foi lenta e paciente. Mas, sobretudo, nessa obra ela mergulha ainda mais fundo na vida de seus personagens e, assim, no imaginário urbano. A metodologia utilizada para narrar essas lendas urbanas, não demandassem uma profunda erudição, seria até simples. Primeiro, vai-se às fontes, processos judiciais perdidos em arquivos empoeirados e desorganizados. Depois compara-se esses dados com as narrativas jornalísticas onde somente um iniciado consegue distinguir a intencional imbricação entre a reportagem e o folhetim. Por fim, acompanha-se as sucessivas recriações destes eventos espalhadas nas mais variadas fontes literárias produzidas ao longo de mais de um século. Saber onde se encontram cada uma dessas peças; e reuni-las; construir as ferramentas teóricas adequadas; e interpreta-las; é trabalho para uma vida.

Nesses sete ensaios sobre sete crimes e sete mulheres a questão de gênero não ganha destaque. O mote da pesquisa é a cidade de Porto Alegre e suas lendas urbanas. Mas bem poderia ser o Rio de Janeiro, Fortaleza, Paris ou qualquer outra cidade. Afinal, qual vilarejo não tem suas lendas, suas estórias narradas de geração à geração à exaustão? Logo, o objeto de investigação são as representações que povoam o imaginário urbano. Como eles surgem, se espalham, se perpetuam e, fundamentalmente,

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os Sete Pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

se modificam ao longo de mais de um século. Para dar conta desta empreitada, Sandra mobiliza os recursos teóricos e metodológicos que desenvolveu ao longo de sua produtiva carreira. Sua abordagem, embora nitidamente cultural, não desprezou nem os ciclos econômicos vividos pela cidade nem a estratigrafia social de seus personagens. Em cada capítulo estão explicitadas as estratégias desenvolvidas para trabalhar cada uma fontes históricas utilizadas: o processo crime, o jornal, a literatura. E claro, seu ferramental teórico está todo exposto: modernização, grupos sociais, subalternos, imaginário, representações, identidade/alteridade, sensibilidades.

Ela foi às fontes com tal intensidade, que teve competência para identificar quando elas, mesmo errando a grafia, falavam da mesma pessoa. Teve folego para percorrer os caminhos e mecanismos que fizeram as versões dessas histórias entrarem no imaginário urbano. E não se intimidou. Nomeou os criminosos responsabilizados pelos crimes mas também os memorialistas responsáveis pelas versões do fato. Como um detetive foi identificando cada vez que o conto ganhava um ponto.

O resultado é surpreendente. Os personagens saltam aos olhos com nomes, sobrenomes, parentescos, desafetos... E quando nos pegamos lendo uma novela, lá vem a historiadora nos jogando suas fontes para provar que aquilo realmente aconteceu, que aquelas leituras possíveis do real não foram criadas por ela, mas pelos sujeitos históricos com interesses e intenções bem delineadas no campo social. Os personagens envolvidos no momento dos crimes são identificados e colocados em seus lugares sociais: imigrantes, pobres, meretrizes. Mas o mesmo é feito com os cronistas e jornais que os exploram e estes personagens e seus enredos os transformando em folhetins da vida urbana a propagandear os valores da sociedade burguesa e condenar o modo de vida dos subalternos. Igual tratamento recebem os cronistas e memorialistas que anos mais tarde, narrando o que não viveram, adequaram os elementos simbólicos desse imaginário urbano às características e demandas sociais de seu presente.

Para mim, em **Sete Pecados...**, Sandra aprofundou uma abordagem que veio desenvolvendo desde suas primeiras obras: como no tempo dos estudos de história econômica os sujeitos históricos com que trabalha tem nome e sobrenome. Como nos textos de história social eles são vistos como pertencentes a grupos sociais que contrapõem projetos de sociedade. Assim em sua história cultural do espaço urbano as representações que habitam o campo do imaginário não são objetos de um idealismo, mas sim uma dimensão da realidade concreta que afeta e reflete a totalidade do mundo

social.

Sandra Jatahy Pesavento foi antes de tudo uma pessoa maravilhosa. Mas este espaço acadêmico é para dizer que ela foi, para mim e para muitos colegas de trabalho, uma grande inspiração profissional. Uma Historiadora que soube se reinventar a cada momento. Que não se acomodou com a fama fácil de quem já fez uma grande obra ou que deseja ser dona de um tema. Ela soube se recriar a cada pesquisa que realizava, a cada obra que concluía. De cada Sandra que se apresentava ao leitor em uma obra que finalizava ela produzia uma historiadora ainda mais arrojada. Sinto a falta dela para nos ajudar a reinventarmos esta Sandra que agora vive apenas nas nossas representações, nesse campo mágico da nossa memória afetiva.

